

CULTURA: Conceito

Tiago Adão Lara *

Eu tinha 21 anos, quando me dei à leitura de um livro, em italiano, intitulado: *La nazione*. O esforço do autor era no sentido de resgatar o conceito de *nação* das ambigüidades com que, em geral, é usado. Distinguia-o, muito bem, de conceitos similares, como *pais* e *pátria*. Distinguia-o, sobretudo, do conceito de *estado*.

Messineo, autor do livro, definia nação como uma unidade cultural: é o grupo humano que se sente uno e idêntico, pela posse da mesma cultura.

Nunca mais me esqueci do livro e da definição.

Ultimamente, em contato com grupos das classes populares, têm-me vindo à mente alguns questionamentos sérios, que me fazem recordar esse livro de 36 anos atrás. Eis alguns deles: Temos nós brasileiros uma identidade cultural? Somos uma nação consciente de si mesma? A dominação sócio-econômico-política, que pesa sobre a quase totalidade de nós, não tem se esforçado por erradicar, completamente, qualquer manifestação de identidade cultural, matando, na raiz, a possibilidade de reação libertadora? Que pode-

mos fazer nós, educadores, para salvar a nossa cultura ou, talvez melhor, criar condições para que ela aconteça?

As linhas que se seguem são resultado de um esforço para clarear o conceito de cultura, no sentido de mostrar sua importância pedagógica e, diria, patriótica.

Elas reclamam complementação posterior.

1. Na Bíblia, que é tomada, aqui, apenas como um livro da literatura universal, bastante conhecido entre nós, lê-se, no segundo capítulo do livro do Gênesis, o seguinte: "Jahweh Deus modelou, então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem, para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse". (Gn 2,19)

Lido de maneira superficial, esse texto bíblico se reveste de uma ingenuidade palmar. Colocado no gênero literário apropriado, apresenta-se, nele, para nós, um esboço de antropologia altamente significativo.

* Professor do Departamento de Filosofia/UFU.

O homem está ainda imerso no encantamento das origens. Aquele encantamento ou aquela fascinação que lhe possibilita uma abertura desarmada, frente à grandiosidade do ser, numa tentativa de ver, de interpretar, de situar-se. As coisas estão, aí, dadas, oferecidas, frutos do grande impulso que as jogou na existência e que o homem sente vibrar nele. As coisas estão, aí, como dádivas. O homem não as fez, mas cabe a ele revelar-lhes o ser. E revelar-lhes o ser é dar-lhes um nome, é marcar-lhes uma função ou uma finalidade. É orientá-las para si. É criar o cosmos (harmonia, beleza), em contraposição ao caos. É iniciar o mundo das significações.

2. O versículo bíblico supracitado faz parte de um relato maior, que remonta ao século X a.C. Poucas linhas antes, nesse relato, lê-se o seguinte: "No tempo em que Jahweh Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque Deus não tinha feito chover sobre a terra e *não havia homem, para cultivar o solo*" (Gn 2, 4-5).

3. O homem dá nome aos animais.

O homem é necessário, para que, da terra, brotem arbustos e ervas.

É quase como que lhe dizer que os animais da terra e a estepe árida (na qual essa tradição bíblica coloca o primeiro grupo humano) estão à espera do homem para encontrarem a sua ordem, a sua destinação, o seu significado, a plenitude do seu ser.

4. Esses textos bíblicos apontam para o que poderíamos chamar as matrizes da cultura. Neles está indicado, de maneira simples, que a cultura é prerrogativa do homem. Sem o homem, a terra não é cultivada. Sem ele, os animais não têm nome, não têm significado. Com o advento do homem, a terra se transfigura, no sentido etimológico da expressão, isto é, muda de figura ou se manifesta em nova forma, se transforma. Essa transfiguração ou transformação é revelação das potencialidades da natureza, pela mediação da razão humana. Uma razão que é visão (teoria), a qual se consuma na prática (ação concreta), ou seja, no trabalho. O homem é o único animal que trabalha, no sentido estrito da palavra, pois é o único animal que projeta (antecipa mentalmente) sua atividade transformadora e o resultado dela. Com isso, ele se revela a si próprio, no mesmo ato pelo qual revela aquilo que existe, para além do simples estar-aí-evidente da natureza.

5. O homem revela-se profundamente imanente ao processo cósmico, enquanto dele depende para descobrir significações e criar novidades, mas também revela-se radicalmente transcendente a ele, pois é capaz de ir além dele, é capaz de arrancar deb formas e figuras, que, pelo processo determinístico da natureza, jamais viriam a ser.

O mundo da cultura é, portanto, mundo humano, encarnação da transcendência do homem, encarnação do seu pensar, do seu sentir, do seu agir, do seu ser original.

Esse ser, com características específicas, é responsável por um novo patamar, na história da terra. É a essa especificidade, reveladora (dar nomes) e transformadora (cultivar a terra), que chamamos razão. Uma especificidade que não está magicamente feita, mas também ela se faz. A racionalidade humana, com efeito, se constrói por força do próprio processo, mediante o qual o homem transforma a natureza, desvenda e cria significações. Podemos afirmar que a gênese do mundo da cultura é a própria gênese da racionalidade, da liberdade, da fantasia e da sensibilidade humanas. Pelo processo cultural, natureza e homem se explicitam, se desdobram e se afirmam.

É uma cosmogênese no bojo da antropogênese e vice-versa.

6. Estamos, agora, mais apetrechados para tentar conceituar o que seja cultura, no sentido mais rico e mais englobante.

Partamos de um primeiro sentido, bem material, do conceito cultura. Se você for à roça e vir uma extensão de terra, plantada de milho, você poderá exclamar: que bela *cultura* de milho! De onde vem a possibilidade dessa expressão? Do fato de toda aquela plan-

tação ser resultado da cultura da terra. A palavra *cultura* vem do verbo *cultivar*. Cultura é o resultado do cultivo, assim como criatura é o resultado da criação. Quando você exclama: "que bela cultura de milho!" você está se referindo ao fruto do trabalho que o homem executou sobre a terra. É por isso que esse homem se chama agri (campo) cultor (cultivador).

7. O ser humano não cultiva somente a terra. Ele cultiva ou exerce seu trabalho transformador sobre a natureza inteira. O fruto desse trabalho continua a chamar-se cultura. É assim que, ao conjunto de produções materiais de um grupo humano qualquer, chamamos cultura desse povo, ou bens culturais desse povo.

8. Produzir, para o ser humano, não é uma atividade individual, mas social. É o grupo humano inteiro que produz. E grande parte das produções humanas referem-se, diretamente, às exigências da convivência; são respostas aos seus desafios. Nesse sentido, o homem produz uma série de realidades, que não são coisas, à semelhança da plantação ou do artefato. São leis, línguas, instituições, valores, costumes, religiões, teorias explicativas da realidade. Tudo isso é chamado cultura. Aliás, são sobretudo essas produções mais refinadas, menos coisificadas ou materializadas que nós, hoje, chamamos, de maneira especial, cultura.

9. Enquanto o grupo humano cultiva a

natureza e cultiva o relacionamento de seus membros, é claro que ele se cultiva, que cada membro desse grupo se cultiva, se transforma e se aperfeiçoa. O artesão, ao produzir algo, torna-se, sem dúvida, mais ágil, mais perfeito, no seu trabalho. Podemos, então, dizer que o grupo humano se cultiva cultivando; que ele é, em grande parte, fruto do seu próprio trabalho, da sua própria cultivação. Nesse sentido, a palavra cultura passa a significar as próprias qualidades humanas, resultado do trabalho ou da cultivação do homem.

10. Cultura brasileira é, portanto, num primeiro sentido, *objetivo*, o conjunto das produções dos brasileiros. Num segundo sentido, *subjetivo*, as qualidades que os brasileiros adquirem, em força do trabalho que executam. As produções brasileiras encarnam as qualidades dos brasileiros, trazem, digamos assim, a marca de fábrica: *indústria brasileira*. Mas é também certo que as qualidades dos brasileiros, seu jeito de ser, dependem da maneira como eles trabalham e produzem. Cultura, no sentido objetivo e subjetivo, produções e qualidades de um povo, se co-implicam.

11. Afirmamos, atrás, que o homem, através da cultura, se revela um animal realmente típico, pois demonstra transcender ao processo cósmico determinístico. Isso significa afirmar que, nas qualidades e nas produções do homem, intervém algo que não pode mais ser explicado por simples leis mecânicas da natureza. O homem transcende, vai

além do que já-está-aí, como fato, como resultado ou como caminho traçado pela natureza. O homem inventa, cria. A cultura é fruto de uma criação ou de uma novidade. Os outros animais não criam. A abelha, por exemplo, sempre produzirá mel, ato pré-definido pela natureza. O mel não é produto cultural. À diferença do animal, o homem arranca de si e da natureza formas e figuras possíveis, mas ainda não existentes, portanto, novas.

12. É aqui que intervém uma dimensão cultural à qual, às vezes, damos pouca importância, a dimensão do *sentido* ou do *significado* existencial. Toda produção cultural é resposta a uma necessidade bem concreta: viver, sobreviver; mas é também resposta a outra necessidade concreta para o homem: descobrir o sentido ou o significado da sua existência e, por revérbero, da existência de tudo. O conjunto de uma cultura é resposta também a essa pergunta, é resposta a essa exigência profundamente humana.

A análise de uma cultura não está terminada se não chegamos ao nível das suas significações. Todos os povos, por exemplo, têm de providenciar o destino que darão aos corpos dos falecidos. Incinerá-los? Enterrá-los? Jogá-los à água? Abandoná-los às feras? O que determinará uma ou outra opção, para além da necessidade higiênica de desfazer-se do cadáver? Será o conjunto significativo, que tece a vida do grupo. A vida, como a morte, no caso do homem, insere-se num conjunto sig-

nificativo, bastante coerente e organizado. E é esse conjunto que determina a maneira ordinária e reta de desfazer-se do cadáver. Isso não se faz aleatoriamente ou caprichosamente.

A vida toda de qualquer grupo humano, é vincada pelo mundo das significações. Esse mundo é fruto das condições concretas da vida do grupo, mas é também algo mais. Cai naquele espaço de criatividade ou de transcendência a que aludimos atrás. Uma vez construído, esse mundo retorna sobre o concreto do existir, plasmando-o, organizando-o e, até dinamizando-o.

13. O que quer dizer criar sentidos ou significações? É descobrir nexos entre os seres, apreender o todo, apontar razões e finalidades. O ser humano não pode viver sem esse situar-se frente aos demais seres, sem essa criação de sentidos ou de significados. O universo (a totalidade dos seres) tem de ser organizado. E organizar é estabelecer dependências, finalidades, rumos, sentidos. A palavra sentido aproxima-se, aqui, daquele uso que fazemos dela, quando falamos de uma trajetória ou de um caminhar; quando, por exemplo, perguntamos em que sentido vai o ônibus? Com a mesma acepção perguntamos: que sentido tem a existência humana? É, portanto, um questionamento radical, ao qual o homem não pode fugir. As respostas a esse perguntar constituem o colorido próprio de cada cultura, sua inspiração, seu sopro de vida.

Não seria errado dizer que a cultura tece significados, ou melhor, tece um todo coerente de significados e o grupo que o tece tem nele uma como que morada estável. Fora dela é a confusão, o sem-sentido, a morte.

14. O mundo dos significados ou dos sentidos é elaborado por tudo aquilo que, no homem, o distingue do animal, pois o animal não tem necessidade de respostas significativas. Para o animal, comer é o simples ato de matar a fome. Para o homem, comer, como o sepultar, é algo mais do que matar a fome ou desfazer-se do cadáver. O mundo da cultura, revelação de criações humanas significativas, é o revelar-se da humanidade do homem.

Onde descobrimos a linguagem das significações? Em todo tipo de produção cultural. Do mais tosco ao mais refinado. Do mais materializado ao mais abstrato. Às vezes, as significações têm de ser arrancadas, num jogo hermenêutico complicado. Às vezes, elas brilham com luz meridiana. Aqui, elas se expressam em linhas, em cores, em estruturas espaciais. Ali, para se manifestarem, elas inventam sonoridades ou compõem harmonias. Mais além, elas tecem histórias: criam lendas ou mitos; e chegam até a elaborar teorias, metódica e criticamente arquitetadas, como nas doutrinas filosóficas.

À filosofia cabe, pois, a tarefa de ser uma instância crítica e esclarecedora da cultura nacional. Daí, a sua im-

portância pedagógica e o medo que dela têm aqueles que querem se aproveitar do poder, para dominar também culturalmente.

Do exposto, até aqui, pode-se concluir que a dinâmica da história de um povo se retrata e se encarna na sua

cultura e nas significações existenciais, que ela representa. Um povo será mais ou menos coeso e dinâmico na medida em que suas significações existenciais existirem, forem percebidas e vivenciadas. Ele se enfraquecerá, quando elas desaparecerem ou se atrofiarem.

BIBLIOGRAFIA

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad. Vicente Felix Queiroz. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 2.ed. São Paulo, Moderna, 1981.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e cultura**. São Paulo, Convívio, 1975.

_____. **A idéia de cultura em Vicente Ferreira da Silva**. São Paulo, Convívio, 1984.

GOLDMAN, Lucien. **Dialética e cultura**. 2.ed. Trad. Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LADRIERE, Jean. **A articulação do sentido**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo, EPU/EDUSP, 1977.

_____. **Os desafios da racionalidade**: o desafio da ciência e da tecnologia às culturas. Trad. Hilton Japiassu. Petrópolis, Vozes, 1979.

MONDOLFO, Rodolfo. **O homem na cultura antiga**: a compreensão do sujeito humano na cultura antiga. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo, Mestre Jou, 1968.